

# A INFLUÊNCIA DAS VARIÁVEIS TIPO DE SUJEITO, PARALELISMO FORMAL E POSIÇÃO DO SUJEITO NA CONCORDÂNCIA VERBAL DO INTERIOR PAULISTA

Cássio Florêncio RUBIO<sup>1</sup> (UNESP - SJRP)

**RESUMO:** Buscamos neste trabalho investigar, preliminarmente, por meio do controle de variáveis sociais e lingüísticas, a concordância verbal (CV, daqui em diante) no dialeto do interior paulista, fazendo uso, como ferramenta principal, da Teoria da Variação Lingüística (LABOV, 1972). O cópulo utilizado para a realização de nossa pesquisa provém do Banco de Dados Iboruna pertencente ao Projeto ALIP (Amostra Lingüística do Interior Paulista). Para a realização desta pesquisa, foi constituída uma subamostra, composta de dez informantes, distribuídos pelas variantes de *sexo/gênero*, *escolaridade* e *faixa etária*. Do conjunto de variáveis sociais e lingüísticas postuladas, foram selecionadas três variáveis lingüísticas, *tipo de sujeito*, *paralelismo formal* e *posição do sujeito em relação ao verbo*.

**ABSTRACT:** In this paper, we presented a preliminary investigation of the verbal agreement in the Portuguese spoken in the São José do Rio Preto region, located in the inner of São Paulo State, Brazil, using the Language Variation Theory (LABOV, 1972), as a main theory. The corpus we are using come from the Iboruna Data Bank, which belongs to Project ALIP (Amostra Lingüística do Interior Paulista). We used a partial sample, coming from ten speakers, whose social profiles are determined by following variables: sex/gender, education level and age. From social and linguistic variables, the statistic program selected three ones: type of subject, formal parallelism and position of subject in relation to verb.

## 1. Pressupostos teóricos

Partindo da concepção sociofuncionalista proposta por William Labov, em 1963, que tem na heterogeneidade lingüística sistematizável a sua premissa básica (Mollica, 2003), propomo-nos, por meio deste estudo, investigar o fenômeno lingüístico variável da CV, que também se manifesta na comunidade de fala riopretana.

A escolha inicial dos grupos de fatores para o desenvolvimento do nosso trabalho é motivada pelo fato de, na literatura pesquisada, terem sido eles os selecionados pelo programa estatístico como os de maior significância na implementação da regra variável.

Dos **fatores lingüísticos** já comprovados correlacionar-se à regra da CV, há aqueles relacionados diretamente a propriedades do verbo, como *transitividade* e *tipo morfológico*, aqueles relacionados diretamente ao SN-sujeito, como, por exemplo, *traço humano*, *tipo estrutural (tipo de sujeito)*, e *referencialidade*, e aqueles que explicitam a relação SN-sujeito/verbo, como *paralelismo formal* e *posição do sujeito em relação ao verbo*.

O grupo de fatores *tipo estrutural do sujeito* pode exercer influência na CV, visto que alguns tipos de sujeito, devido a suas características, apresentam-se de modo mais recorrente que outros tipos, tendendo a influenciar, de modo geral, a aplicação ou não da regra. É de extrema importância a análise desse fator, para detectar principalmente se os sujeitos pronominais são mais propensos ou não a atuarem na manifestação da CV, pois, segundo Galves (1993) e Duarte (1993), há uma tendência maior, no PB, para o preenchimento do sujeito pronominalmente, a fim de se evitar a CV, ou seja, ao abrir mão do sujeito nulo, o falante, inconscientemente, evita a ambigüidade, dispensando assim a aplicação da regra de concordância. Para esse grupo de fator, é pertinente a investigação das seguintes variantes: (i) *SN pleno simples (muitas pessoas que me contaram)*; (ii) *SN pleno nu*, aquele desprovido de determinantes e modificadores restritivos (*mulheres são traídas*); (iii) *SN pleno composto (o meu pai e ele falou assim)*; *pronome pessoal (eles faz o que eles quê)*; (iv) *pronome indefinido (algumas que ficaram)*; (v) *pronome demonstrativo (Essas são as pessoas que realmente...)*; (vi) *Quantificador (todos querem que ele fique)*; e, (vii) *SN modificado por oração relativa (tem várias plantas que servem de remédio)*.

Ainda com relação às propriedades do sujeito que, possivelmente, estejam correlacionadas com a manifestação da CV, Naro & Lemle (1977) citam a *referencialidade*, ou seja, os traços de definição e identificação dos referentes codificados pelo SN-sujeito. Assim, a expectativa é a de que sujeitos com os traços [+referencial, + específico], cujo núcleo nominal é modificado por um determinante de caráter definido (*meus meninos*), por exemplo, correlacionem-se mais fortemente com a aplicação da regra do que sujeitos com traços [+referencial, -específico], cujo núcleo é modificado por um pronome ou quantificador indefinido (*um menino, alguns meninos*), por exemplo.

<sup>1</sup> E-mail: cassiorubio@yahoo.com.br

Relativamente às relações morfossintáticas envolvendo o SN-sujeito e o verbo, a variável *paralelismo formal* constitui importante critério para a investigação da CV. Essa variável prediz que o tipo de marca existente no sujeito pode influenciar o tipo de marca existente no verbo, ou seja, as marcas de plural no sujeito podem levar à presença de marcas de plural no verbo, da mesma forma que a ausência de marcas de plural no sujeito levaria a ausência de marcas no verbo. Traduz essa assertiva do paralelismo formal a crença de que marca leva a marca e zero leva a zero (SCHERRE, 1998). De modo geral, os resultados de Monguilhott & Coelho (2002) mostram que quando o último elemento do SN apresenta marca explícita de plural, o verbo também tende a ser pluralizado. Do mesmo modo, a presença de zero no último elemento favorece o não-aparecimento de plural no verbo. Implementam essa variável os seguintes fatores: (i) *presença da forma plural no último elemento (ou único) do SN-sujeito (se essas pessoas colocassem um pouco mais de amor); e (ii) ausência da forma plural no último elemento (ou único) do SN-sujeito (a minha avó e o meu avô construiu casa na fazENDA).*

Também a variável *posição do sujeito (S) em relação ao verbo (V)* é mencionada como importante fator que se correlaciona à variação da regra de CV (SCHERRE, 2005). Pontes (1989) já evidenciara em seu estudo sobre o sujeito no PB que, quando a posição ocupada pelo SN ocorre à direita do verbo (V SN), a tendência é que não ocorra nenhuma marca de pluralização no verbo, uma vez que o SN fora de sua posição prototípica de sujeito é mais provável de ser identificado como objeto do que como sujeito da sentença, atuação que guarda relação estreita tanto com a variável *transitividade* quanto com a variável *traços semânticos do SN*. Implementam essa variável as seguintes variantes: (i) *sujeito em posição pré-verbal com núcleo imediatamente antes do verbo (eles ficaram lá); (ii) sujeito em posição pré-verbal com núcleo distante de 1 até 4 sílabas do verbo (elas não tavam); (iii) sujeito em posição pré-verbal com núcleo distante mais de 4 sílabas do verbo (meu amigos falou que já tinham); (iv) sujeito em posição pós-verbal com núcleo distante até 4 sílabas do verbo (tava ela e o irmão dela); (v) sujeito pós-verbal com núcleo distante mais de 4 sílabas do verbo (prestam bastante atenção em mim as outras pessoas); e, (vi) *sujeito expresso em oração anterior (eles conseguiram tentaram... tiveram como candidato).**

Vale esclarecer que os contextos variáveis acima citados são apenas exemplificativos das correlações estruturais que podem ser consideradas na aplicação da regra da CV.

## 2. Hipóteses

A partir da revisão bibliográfica preliminar, considerando as forças de natureza lingüística e extralingüística, o alcance de nosso objetivo está pautado pela investigação das seguintes hipóteses:

A presença da forma plural ou presença de ‘s’ no último elemento, ou o único, do SN-sujeito caracteriza um contexto positivo para a realização da CV;

A não-explicação do sujeito, ou seja, contextos em que o sujeito permanece oculto, favorece a regra de CV;

Há uma maior tendência de aplicação da regra para casos em que a oposição entre singular e plural nos verbos seja, foneticamente, mais saliente;

A posição do verbo imediatamente após o sujeito contribui para a aplicação da regra de CV, ao passo que o distanciamento do sujeito em relação ao verbo, bem como a posposição do primeiro em relação ao último são contextos que refreiam a aplicação da regra.

## 3. Composição da subamostra e análise dos dados

Para uma análise preliminar da CV na Região de São José do Rio Preto optamos por selecionar uma subamostra de 10 entrevistas do banco de dados Iboruna, já que, no início de nossa pesquisa, o banco de dados não se encontrava totalmente concluído. Os informantes foram selecionados mediante a análise de seus respectivos perfis sociais, a fim de que fosse selecionado o maior número de perfis sociais possíveis, garantindo a homogeneidade da amostra. Sendo assim, foram selecionados 5 homens e 5 mulheres, estratificados socialmente como mostra o quadro 1.

Nº do informante	Sexo/Gênero	Escolaridade	Faixa Etária	Renda Familiar
006	feminino	1º ciclo do EF	7 a 15 anos	6 a 10 SM
126	feminino	1º ciclo do EF	+ de 55 anos	6 A 10 SM
102	feminino	2º ciclo do EF	36 a 55 anos	6 a 10 SM
022	feminino	Ensino Médio	7 a 15 anos	6 a 10 SM
056	feminino	Superior	16 a 25 anos	até 5 SM
001	masculino	1º ciclo do EF	7 a 15 anos	+ de 25 SM
035	masculino	2º ciclo do EF	16 a 25 anos	11 a 25 SM
135	masculino	2º ciclo do EF	+ de 55 anos	até 5 SM
077	masculino	Ensino Médio	26 a 35 anos	6 a 10 SM
113	masculino	Superior	36 a 55 anos	+ de 25 SM

Quadro 1: Perfil social dos informantes da subamostra

#### 4. Resultados

Foi analisado, em nosso trabalho, um total de 427 ocorrências, sendo 349 (81,7%) ocorrências de terceira pessoa (3PP) e 78 (18,3%) ocorrências de primeira pessoa (1PP). Desse total de ocorrências, observou-se que 84% (359/427) delas apresentavam marcação de plural, enquanto 16% (68/427) não apresentavam a aplicação da regra de CV. Ao considerarmos apenas as ocorrências de primeira pessoa obtivemos um percentual de aplicação da regra de 90% (70/78) e de, apenas, 10% (8/78) de não-aplicação da regra de CV. Para a terceira pessoa do plural, a tendência à marcação de plural é um pouco menor, 83% (289/349) contra 17% (60/349) de ausência de marcação de plural explícita nos verbos. Na tabela 1, observam-se os dados acima apresentados.

TABELA 1 – NÚMERO DE OCORRÊNCIAS ANALISADAS E PERCENTUAL DE APLICAÇÃO DA REGRA DE CV

aplicação da regra de CV		não-aplicação da regra de CV		Total	
1PP	3PP	1PP	3PP	1PP	3PP
90% (70/78)	83% (289/349)	10% (8/78)	17% (60/349)	18% (78/427)	82% (349/427)
84% (359/427)		16% (68/427)		100% (427)	

Ainda que a análise de fatores sociais não constituam ponto central do presente artigo, cabe-nos ressaltar alguns resultados apresentados. Ao cruzarmos o grupo de fatores *sexo/gênero* com o grupo de fatores *pessoa verbal*, chegamos a um fato interessante, que permite afirmar que as mulheres são mais sensíveis ao significado social das variedades lingüísticas. Apesar de o índice total de CV de informantes do sexo feminino não ter superado o de informantes do sexo masculino, observamos por meio do cruzamento de fatores que, para ocorrências de 1PP, o índice de CV de informantes do sexo feminino atinge os 91%, enquanto o índice para informantes do sexo masculino é de 86%. Para ocorrências de 3PP, a situação se inverte, e os percentuais são de 87% para o sexo masculino e 79% para o sexo feminino. Vejamos a tabela 2.

TABELA 2 - RESULTADO DO CRUZAMENTO ENTRE OS FATORES SEXO/GÊNERO E PESSOA VERBAL

Pessoa verbal/ Sexo	masculino	Feminino	Total
1PP	86% (18/21)	91% (52/57)	90% (70/78)
3PP	87% (151/174)	79% (138/175)	83% (289/349)
Total	87% (169/195)	82% (190/232)	84% (359/427)

As ocorrências de 1PP sem a aplicação da regra de CV (1a) são mais estigmatizadas na comunidade de fala que as ocorrências de 3PP sem a realização da CV (1b), fato que explica uma maior preocupação de informantes do sexo feminino com realização da CV em contextos de 1PP.

(1) a. *Nós era* tudo pequeno... ela con::ta que ela sofreu mui::to...

[AC-135, p.2, 1.59]

b. *Os primos* tudo juntos né... **andava** po mató

[AC-102, p.4, 1.148]

Inúmeros estudos sobre a CV investigaram o **fator saliência fônica** (v. LEMLE e NARO, 1977; NARO, 1981; SCHERRE e NARO, 1997; MONGHILHOTT e COELHO, 2001) e verificaram que diferenciações maiores entre as formas verbais singulares e plurais de verbos tendem a ser mais marcadas do que as menos salientes, ou seja, as oposições mais salientes entre singular e plural, sendo mais perceptíveis, contribuem para a aplicação da regra. Essa tendência correlaciona-se estreitamente com o fato de que as formas mais salientes, por serem mais perceptíveis aos ouvintes e ao próprio interlocutor, sofrem maior

estigmatização por parte da sociedade e, assim, é natural que tanto as mulheres quanto os falantes mais escolarizados, em geral, evitem a não concordância verbal em situações de maior saliência fônica.

Nos pares verbais *singular/plural*, as construções de 1PP, quando realizadas sem a marcação explícita de plural, recebem sempre a forma singular de terceira pessoa e não de primeira pessoa, conforme se observa na ocorrência (1a). Dessa forma, em relação ao grau de saliência fônica, a oposição singular / plural é estabelecida entre a terceira pessoa do singular e a 1PP. Para os contextos de 3PP, essa mesma oposição se dá sempre entre as terceiras pessoas do singular e do plural (v. ocorrências (3) e (4)).

A saliência fônica mínima evidenciada em contextos de 1PP, considerando os critérios acima descritos, é superior à saliência fônica mínima em contextos de 3PP. Para a primeira pessoa, a menor oposição possível entre a forma singular e a forma plural nos verbos é observada pelo acréscimo de segmentos fônicos à forma singular (*cante/cantemos, ir/irmos*). A oposição mínima verificada entre a forma singular e a forma plural nos verbos em terceira pessoa envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural (*cantava/cantavam, sabe/sabem*) (v. (5b)). Observamos ainda que as construções em primeira pessoa podem exigir, na forma plural, um vocábulo proparoxítono em verbos regulares conjugados no Pretérito Imperfeito do Indicativo ou Subjuntivo e no Futuro do Pretérito do Indicativo (*falava/falávamos, fosse/fôssemos, cantaria/ cantaríamos*), ou seja, com alta saliência fônica. Para a terceira pessoa, a alta saliência fônica somente irá ocorrer com alguns verbos irregulares (*é/são*). Segundo Tomanin (2003), os falantes podem recorrer, em alguns casos, a estratégias diferentes a fim de evitarem a conjugação verbal na forma plural para a primeira pessoa nos tempos e modos citados. Os falantes pouco escolarizados, de modo geral, não-aplicam a CV, enquanto os falantes mais escolarizados e as mulheres recorrem à substituição sistemática de *nós* por *a gente*, evitando, assim, o vocábulo esdrúxulo.

Constata-se, portanto, que o fator *saliência fônica* pode influenciar a aplicação da regra em ocorrências de 1PP, por esses casos configurarem situações em que a não-aplicação da regra envolveria maior estigmatização social, evitada por indivíduos do sexo feminino e com maiores índices de escolaridade.

Os escolarizados dos grandes centros urbanos estigmatizam a não-aplicação da regra de CV de 1PP por ser esta uma regra que identifica, principalmente, falantes do interior e da zona rural, das diferentes regiões brasileiras. Para a 3PP, a não-aplicação da regra, ainda que seja estigmatizada, sugere apenas a baixa escolarização do falante, sem denunciar sua origem geográfica (v. Rodrigues, 1987).

#### 4.1 Fatores considerados relevantes para a aplicação da regra de CV

As variáveis linguísticas selecionadas segundo o critério de relevância foram *tipo de sujeito, paralelismo formal e posição do sujeito em relação ao verbo*, as quais passamos a discutir separadamente.

##### 4.1.1 Tipo de sujeito

O grupo de fatores *tipo de sujeito* foi controlado por julgarmos que algumas estruturas que ocupam a função de sujeito podem influenciar negativamente ou positivamente a aplicação da regra de CV, conforme se observa na bibliografia pesquisada. Há uma tendência à não aplicação da regra em orações com sujeitos compostos. Para sujeitos do tipo *pronome pessoal* (2a), a tendência geral é a de que haja uma maior probabilidade de concordância, o que pode ser explicado também pela relação entre o grupo de fatores *tipo de sujeito* e o grupo de fatores *posição do sujeito*, já que os pronomes pessoais, assim como a estrutura *SN + pronome relativo (que)* (2b), dificilmente ocupam a posição pós-verbal, a qual influencia a não aplicação da regra de CV (cf. Monguilhott e Coelho, 2002). Por outro lado, sujeitos do tipo composto (2c), podem ocorrer em posição pós-verbal, quando em orações com verbo inacusativo.

- (2) a. Éh **eles estavam** todos... éh... no mato e viram uma cobra... [AC-102, p.4, 1.151]  
b. Tem *peessoas que acreditam* tem pessoas que não acreditam em Deus... [AC-006, p.4, 1.137]  
c. Aí **vai vim** ele e o amigo dele... [AC-006, p.10, 1.425]

Confirmando a hipótese, o sujeito do tipo *pronome pessoal* e a estrutura *SN + pronome relativo (que)* tenderam a correlacionar-se fortemente com a regra de CV, apresentando P.R. (Peso Relativo) de .71 e .70, respectivamente, como observamos na tabela 3.

TABELA 3 – FREQUÊNCIA E PROBABILIDADE DE CV, SEGUNDO O GRUPO DE FATORES TIPO DE SUJEITO

Tipo de sujeito	Aplicação/total (%)	Peso Relativo
pronome pessoal	156/171 = 91%	.71
oculto ou subentendido	116/140 = 83%	.36
SN pleno nu e pleno simples*	48/ 64 = 75%	.33
SN + pronome relativo (que)	20/21 = 95%	.70
Quantificador	6/7 = 86%	.53
SN pleno composto	3/11 = 27%	.04
pronome indefinido	7/9 = 78%	.38
pronome demonstrativo	3/4 = 75%	.28

\* em razão de seus índices de frequência e de seu comportamento, os resultados dos fatores SN pleno nu e SN pleno simples foram amalgamados, por se mostrarem uniformes quando na presença de outros fatores.

A hipótese proposta, a qual previa uma baixa ou mesmo nula frequência das estruturas tipo *pronome pessoal* e *SN + pronome relativo* em posição pós-verbal foi confirmada, visto que foram raríssimos os casos em que tais ocorrências se deram (*pronome pessoal* em posição pré-verbal em apenas 5% dos casos e nenhuma ocorrência de *SN + pronome relativo (que)* nessa mesma posição). O sujeito do tipo *SN pleno composto*, também como previsto, demonstrou influenciar negativamente a aplicação da regra de CV, com P.R. de .04, o que pode ser explicado também pelo cruzamento desse fator com outros fatores, como *posição do sujeito em relação ao verbo* e *paralelismo formal*.

Com relação à posição do sujeito em relação ao verbo, podemos verificar que sujeitos compostos têm tendência a serem usados em posição pós-verbal, quando figuram com verbos inacusativos. Tal posição pode levar o falante a “confundi-lo” com o objeto da oração, não aplicando a regra de CV (cf. Scherre, 2005).

O fator *paralelismo formal* é outro grupo de fatores que está intimamente relacionado com o grupo de fatores *tipo de sujeito*, já que sujeitos compostos, em sua maioria, são formados por dois elementos no singular, como ficou comprovado pelo cruzamento desse grupo de fatores com o grupo de fatores *tipo de sujeito*. Assim, o último elemento do SN-sujeito não possui “s” indicador de plural, o que influencia, como iremos observar mais adiante, a não aplicação da regra.

Não podemos deixar de fazer referência ao resultado dos SNs quantificadores, que apresentaram leve favorecimento à aplicação da regra, com P.R. de .053. Explicaria esse favorecimento a presença de quantificadores que não apresentam oposição morfológica singular/plural (3a e a’), o que explicaria o desencadeamento da CV.

- (3) a. a mãe do meu amigo fala que *todos querem* que ele fique LÁ [AC-001, p.3, 1.87]  
 a'. \*a mãe do meu amigo fala que *todo quer* que ele fique LÁ

#### 4.1.2 Paralelismo formal

Ao controlarmos o grupo de fatores *paralelismo formal*, temos o intuito de atestar se existe correlação entre o tipo de marca existente no sujeito e o tipo de marca existente no verbo, ou seja, se marcas de plural explícitas no sujeito (4a) poderiam levar à presença de marcas de plural no verbo e, em contextos opostos, a ausência de marcas no sujeito (4b) poderia acarretar a marca zero também no verbo. Ou, ainda, se apenas o “s”, presente em alguns numerais, pronomes etc (4c) podem influenciar a marcação de plural nos verbos.

A hipótese é de que, quando o último elemento do sujeito apresentar marca de plural ou “s”, o verbo correspondente tenderá a exibir marcas de plural (cf. SCHERRE e NARO, 1993).

- (4) a. *As mulheres lavavam* roupa... [AC-102, p.4, 1.140]  
 b. *os primo tudo junto né... andava* po mato porque brincar era andar pro meio do mato. [AC-102, p.4, 1.148]  
 c. *Os três cantam* jun::tos... [AC-102, p.3, 1.88]

Os resultados obtidos confirmam, em parte, a hipótese de que marcas levam a marcas. Vejamos os dados da tabela 4 para essa variável.

TABELA 4 – FREQUÊNCIA E PROBABILIDADE DE CV, SEGUNDO O GRUPO DE FATORES PARALELISMO FORMAL

Paralelismo	Aplicação/total = %	Peso Relativo
presença da forma plural	245/290 = 84%	.52
presença de “s”	43/50 = 86%	.38
ausência da forma plural	8/18 = 44%	.48

Os dados mostram que o fator que mais favorece a aplicação da regra é a presença de marcas de plural no SN-sujeito, com P.R. de .52 e com 84% de aplicação da regra de CV. Como podemos observar também, em casos em que não há marcas de plural no último elemento do SN-sujeito, a porcentagem de aplicação da regra é de apenas 44% das ocorrências para um P.R. de .48. O fator *presença de “s” no último elemento do SN-sujeito* foi apontado como o que menos influencia a aplicação da regra, ainda que sua frequência de aplicação seja de 86% dos casos, fato explicado, se levarmos em conta a influência de outros fatores que poderiam estar correlacionados ao fator *presença de “s” no último ou único elemento do SN-sujeito*.

Pelo cruzamento do grupo de fatores *paralelismo formal* com o grupo de fatores *tipo de sujeito*, foi-nos possível constatar que 70% dos casos de presença de “s” no último elemento do SN-sujeito tratavam-se de pronomes pessoais, o que explica a alta frequência de CV para essa variável, pois, como já afirmamos anteriormente, pronomes pessoais tendem a influenciar positivamente a aplicação da regra, visto que ocorrem, quase em sua totalidade, em posição pré-verbal. Não consideramos o “s” presente no pronome pessoal *nós* como sendo “s” plural, pois não há oposição singular/plural quando este é suprimido, diferentemente do caso da oposição singular/plural verificável para o pronome *ele/elas*.

#### 4.1.3 Posição do sujeito em relação ao verbo

Considerando que o português é uma língua do tipo SVO (sujeito + verbo + objeto), que admite variação nesse padrão de ordenação, admitimos para este grupo de fatores posições do sujeito anteriores e posteriores ao verbo, controlando ainda a distância de um em relação ao outro.

Como já mencionado, diversos trabalhos empíricos demonstraram que sujeitos distantes de seus verbos (5a), ou sujeitos em posição pós-verbal (5b), distantes ou não do verbo, tendem a enfraquecer a CV (cf. LEMLE & NARO 1977).

Para Pontes (1986), o SN-sujeito posposto pode apresentar características de objeto, o que dificultaria a marcação de concordância. Espera-se, portanto, que haja uma maior probabilidade de aplicação da regra para casos em que o SN-sujeito ocorra em contextos de anteposição em relação ao verbo (5c).

(5) a. Que *os casais...* éh... assim... a:: partir do momento que **assume...** ou que casou na igreja...

[AC-102, p.9, 1.360]

b. Aí **passa as eleição...**

[AC-135, p.4, 1.134]

c. *Eles beberam* um pouco de cerve::ja...

[AC-001, p.1, 1.9]

Para sujeitos pospostos, a hipótese é de que haja uma menor probabilidade de aplicação da regra. Vejamos os resultados na tabela 5.

TABELA 5 – FREQUÊNCIA E PROBABILIDADE DE CONCORDÂNCIA VERBAL, SEGUNDO O GRUPO DE FATORES POSIÇÃO DO SUJEITO EM RELAÇÃO AO VERBO

Posição em relação ao verbo	Aplicação/total = %	P. Relativo
núcleo do SN imediatamente antes do verbo	117/137 = 85%	.50
núcleo do SN anteposto, distante de 1 até 4 sílabas	67/75 = 89%	.65
núcleo do SN anteposto, distante mais de 4 sílabas	9/15 = 60%	.27
núcleo do SN posposto ao verbo*	4/11 = 36%	.13

\* em razão de seus índices de frequência e de seu comportamento, os resultados dos fatores núcleo do SN posposto, distante até 4 sílabas do verbo e núcleo do SN posposto, distante mais de 4 sílabas do verbo foram amalgamados, por se mostrarem uniformes quando na presença de outros fatores.

A *posição do sujeito em relação ao verbo* foi o terceiro grupo de fatores selecionado pelo “pacote estatístico” Varbrul. Podemos observar, como previsto em trabalhos anteriores, que a probabilidade de

aplicação da regra de concordância foi maior em casos em que o sujeito se antepõe ao verbo, em contextos de menor distanciamento de um em relação ao outro, como observamos na tabela 5: sujeito pré-verbal com núcleo imediatamente antes do verbo (.50), sujeito pré-verbal com núcleo distante de 1 até 4 sílabas (.65). Para sujeitos antepostos com maior distanciamento em relação ao verbo, a probabilidade de aplicação é menor: sujeito pré-verbal com núcleo distante mais de 4 sílabas do verbo (.27). Os casos de sujeito pós-verbal foram os que apresentaram o menor P.R. (.13), ou seja, a menor probabilidade de CV foi encontrada em situações em que o sujeito ocorre após o verbo.

Os resultados vêm atestar, conforme apontam outros trabalhos, que o sujeito posposto ao verbo passa a ser “analisado” como objeto pelo falante, que, dessa forma, é levado à não aplicação da regra de CV.

## 5. Conclusões

Com relação aos resultados, para o grupo de fatores *tipo de sujeito*, constatamos fortes tendências à aplicação da regra de CV para sujeitos do tipo *pronome pessoal* e *SN + pronome relativo (que)*, resultado justificado se levarmos em conta a forte tendência de esses tipos de sujeitos ocuparem posições pré-verbais adjacentes ao verbo.

Para o grupo de fatores *paralelismo formal*, a hipótese inicial foi confirmada, já que a presença de marcas de plural no último ou único elemento do SN-sujeito levou a uma maior frequência de preservação das marcas de concordância nos verbos. A menor frequência de CV foi observada nas ocorrências em que havia a ausência da forma plural no último (ou único) elemento do SN-sujeito. Esse resultado confirma a tendência de que marcas levam a marcas (SHERRE, 1998). Contudo, acreditamos que essas tendências sejam justificadas por restrições fonológicas por parte dos falantes, já que a simples presença de “s” no último (ou único) elemento do SN-sujeito, ainda que este “s” não seja de plural, leva a uma grande frequência de CV.

Observamos, por meio dos resultados obtidos para o grupo de fatores *posição do sujeito em relação ao verbo* que a posposição do verbo em relação ao sujeito tende a influenciar a aplicação da regra, enquanto que a anteposição do verbo contribui para o apagamento das marcas de plural nos verbos. Essa não marcação do sujeito para o segundo caso pode ser explicada pelo fato de que a posição V-S pode levar os falantes à percepção falsa de que esse sujeito possa ser o objeto da sentença. O distanciamento do sujeito em relação a seu verbo também se mostrou relevante na CV, já que as tendências apresentadas comprovaram que verbos distantes de seus sujeitos tendem a não exibir marcas de plural.

Salientamos, por fim, que a presente pesquisa foi elaborada com o intuito de angariar subsídios para um trabalho maior que possa contribuir para a descrição do português falado no interior do Estado de São Paulo, no tocante à concordância verbal, e os resultados aqui apresentados, decorrentes de um exercício de testagem dos contextos variáveis propostos, podem ser alterados quando ampliarmos nossas amostras de fala e passarmos a considerar um número maior de informantes da região de São José do Rio Preto. Assim, os resultados aqui expostos constituem um pouso provisório no terreno do fenômeno em estudo.

## 6. Referências bibliográficas

ANJOS, S. E. dos. *Um estudo variacionista da concordância verbo-sujeito na fala pessoense*. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 1999. Mestrado inédito.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no Português do Brasil. In: ROBERTS, I. e KATO, M. A. (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

GALVES, C. C. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, I. e KATO, M. A. (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

GONÇALVES, S.C.L. *O português falado na região de São José do Rio Preto: constituição de um banco de dados anotado para o seu estudo*. Relatório Científico Parcial apresentado à FAPESP, 2005.

GRACIOSA, D. M. D. *Concordância verbal na fala culta carioca*. Dissertação de Mestrado. UFRJ, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 1991.

- LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- \_\_\_\_\_. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. *Language variation and change*, n.2, 1990, p. 205-254.
- LEMLE, M., NARO, A. J. *Competências básicas do português*. Rio de Janeiro: MOBRAF/Fundação Ford, 1977.
- MOLLICA, M.C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C., BRAGA, M. L. (orgs.) *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 9-14.
- MONGUILHOTT, I. O. S., COELHO, I. L. Um estudo da concordância verbal de terceira pessoa em Florianópolis. In: VANDRESEN, P. (org.). *Variação e mudança no português falado na região sul*. Pelotas: Educat, 2002.
- NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. C., BRAGA, M. L. (orgs.) *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- NARO, A. J., SCHERRE, M. M. P. Sobre o efeito do princípio da saliência na concordância verbal na fala moderna, na escrita antiga e na escrita moderna. In: MOURA, D. (org.) *Os múltiplos usos da língua*. Maceió: EDUFAL, 1999, pp. 26-37.
- \_\_\_\_\_. A hierarquização do controle da concordância no português moderno e medieval: o caso de estruturas de sujeito composto. In: GROBE, S. & ZIMMERMANN, K. (orgs.). *O português brasileiro: pesquisas e projetos*. Frankfurt am Main: TFM, 2000a, pp. 167-188.
- \_\_\_\_\_. Variable concord in Portuguese: the situation in Brazil and Portugal. In: MCWHORTHER, J. (org.). *Language Change and Language Contact in Pidgins and Creoles*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000b, pp. 235-255.
- \_\_\_\_\_. A relação verbo/sujeito: o efeito máscara do *que* relativo. In: HORA, D., COLLISCHONN, G. *Teoria Linguística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária, 2003, pp. 383-401.
- NICOLAU, E. M. D. *A ausência de concordância verbal em português: uma abordagem sociolinguística*. Dissertação de Mestrado. UFMG, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 1984.
- NINA, T. de J. C. *Concordância nominal/verbal do analfabeto na micro-região de Bragantina*. Dissertação de Mestrado. PUC/RS, Porto Alegre, 1980.
- PAIVA, M.C. (org.) *Amostras de fala do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.
- RODRIGUES, A.C.S. *A concordância verbal no português popular em São Paulo*. Tese de Doutorado. USP, FFLCH, São Paulo, 1987.
- RODRIGUES, D. A. *A concordância verbal na fala urbana de Rio Branco*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, IEL, Campinas, 1995.
- SCHERRE, M. M. P. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- SCHERRE, M. M. P. Paralelismo linguístico. In: *Revista de Estudos da Linguagem*, v.7, n.2, Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- SCHERRE, M. M. P., NARO, A. J. *Shifting control: the use of agreement in written language*. Annual Meeting of the Michigan Linguistic Society. East Lansing: Michigan State University, Department of Linguistics and Germanic, Slavic, Asian & African Languages, 1999.
- SCHERRE, M. M. P., NARO, A. J. A hierarquização do controle da concordância no português moderno e medieval: o caso de estruturas sujeito simples. In: GROBE, S. & ZIMMERMANN, K. (orgs.). *O português brasileiro: pesquisas e projetos*. Frankfurt am Main: TFM, 2000, pp. 135-165



SILVA, G.M.O. Coleta de dados. In: MOLLICA, M.C., BRAGA, M.L. (Orgs.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 117-134.

TARALLO, F. *A pesquisa sócio-lingüística*. São Paulo: Ática, 1991.

WEINREICH, U., LABOV, W., HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: LHEMAN, W., MALKIEL, Y. (eds.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968, p. 95-195.